

Uma certa revista

Luiz Costa Lima¹

23

Estudos Universitários

"cuando montar quisimos en pelo una quimera"
(Antonio Machado, "Una España joven")

Pedir-se a um homem comum que pense e, publicamente, formule uma experiência pela qual passou há 47 anos não é uma iniciativa ordinária. Mas é bem isso que Dimas Veras solicita de mim.

Há 47 anos, mais precisamente, apontando para os meses de julho a setembro de 1962, era publicado o primeiro número

da revista *Estudos Universitários*. Seu surgimento fazia parte de um ambicioso projeto de reforma universitária concebido pelo Reitor da Universidade Federal de Pernambuco (então mais modestamente chamada de Federal do Recife), o médico e professor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima – apesar do sobrenome, não tínhamos nenhum parentesco. Por inicia-

¹ Professor titular da PUC (RJ), integrado ao programa de História Social da Cultura.

Autor de mais de 15 livros sobre teoria da literatura, literatura comparada e literatura brasileira, dos quais o mais recente se chama *O Controle do imaginário e a afirmação do romance* (Dom Quixote, As Relações Perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy); três dos seus livros foram traduzidos para o inglês e um para o alemão.

Professor da University of Minnesota (1984 – 1986); visiting professor de várias universidades (Stanford, Johns Hopkins, Montreal, Paris VIII, Pontificia Universidad de Chile (Santiago), Universidad Iberoamericana (Ciudad de México) e pesquisador do Zentrum für literarische Forschung (Berlim)

Recebeu prêmio concedido ao investigador estrangeiro do ano de 1992 pela Alexander Von Humboldt-Stiftung (Bonn) (Alexander Von Humboldt-Stiftung Preis für Geisteswissenschaft). Endereço eletrônico:

costalim@visualnet.com.br

tiva sua, eram criados o *Serviço de Extensão cultural* (SEC), uma *Rádio Universitária* e a revista *Estudos Universitários*. A Rádio e a revista seriam subordinadas ao SEC, confiado à direção de Paulo Freire; enquanto a Rádio era dirigida por José Laurênio de Melo, que já trazia a experiência de, durante anos, haver sido o encarregado pela BBC de Londres, para a seção brasileira; a mim cabia o posto de secretário executivo da revista. A *Estudos universitários* contava com um Conselho Universitário, formado por 12 catedráticos da Universidade, e uma Comissão de Redação, constituída por mais 3. Não exagero em dizer que, salvo alguns que conhecia desde antes, nunca um dos 15 quebrou uma palha pela revista. De todos, guardo com extremo afeto o nome de Rui da Costa Antunes, que havia sido meu professor de Penal, na Faculdade de Direito do Recife, o único que, como adiante relatarei, me defenderia, na última reunião de que participei, na sala do Reitor, em fins de 1963. Durante o tempo em que fui secretário – de julho de 1962 até, aproximadamente, novembro de 1963 – meus colaboradores eram os amigos que estavam e/ou prestigiavam o SEC – Sebastião Uchoa Leite, Marcius Cortez, Paulo Menezes, Gastão de Holanda, Orlando da Costa Ferreira, Jomard Muniz de Brito, Juracy Andrade, mais alguns que talvez hoje não gostassem de ter seus nomes aqui arrolados – e os velhos tipógrafos da

Universidade. Em sua companhia, ajudando-os no que podia eu ficava, muitas vezes até de madrugada, quando a revista estava para sair. De um deles, me lembro com particular carinho, “seo” Valdemar, encadernador de meus livros. Ser secretário e pau-para-toda-obra não chegava a parecer trabalhoso. Eu era jovem, recém-tornado da Europa, amigo e vizinho de Paulo Freire, impaciente em contribuir por um Brasil menos familista, menos patriarcal e autoritário.

Ao pensar nesses termos, dói a saudade dos tantos amigos que “a indesejada das gentes” já levou: Paulo, José Laurênio, Sebastião, João Alexandre Barbosa, Gastão de Holanda, Orlando da Costa Ferreira; com alguma tristeza, embora sem saudade daqueles que o golpe de 1964 fez com que, de um dia para o outro, mudassem de barco. A falta que aqueles provocam é acompanhada por incômoda pergunta: que teria sucedido se, em lugar de derrotados, tivéssemos vencido? Retrospectivamente, se revejo a cara alegre e entusiasta daqueles que, com frequência, se reuniam para o café no SEC e o otimismo esfuizante de Paulo, por outro lado, como se o próprio tempo houvesse se encarregado de dar-lhes um outro rosto ou, pelo menos, até então o escondessem, vejo marcas e rugas de um espírito contrafeito. É por certo estranho combinar a imagem de uma vitória que não houve com sinais de contrariedade, se

não de amargura. Mas não risco a frase que acabei de escrever pois recordo do que me dizia, em voz baixa, um amigo, em uma das prisões em que, meses depois do golpe, nos encontramos: “Lula, por sorte não ganhámos”. Atônito, se não indignado, não precisei pedir-lhe que se explicasse. No mesmo tom de voz, acrescentava: “Se tivéssemos ganho, não saberíamos o quê fazer”.

Dolorosamente, tantos anos passados, reitero o que ouvia, e, recorrendo a uma passagem de uma espécie de declaração de princípios que, a partir de seu terceiro número, *Estudos Universitários* incluía, procuro refletir sobre a cena: “Cultura é (...) inserção e não fuga, fruto não só da inteligência, mas também da coragem individual”. Toda a ênfase se apoiava nos nomes ‘inserção’ e ‘coragem individual’. Implicitamente, a declaração entendia que inserção era a nossa. Mas já sabíamos que havia outras, algumas que também se consideravam de esquerda, que seriam igualmente perseguidas e cuja história passada as mostrava ligadas a uma inserção exclusivista e esmagadora das alternativas. O que aqui digo não tem nenhuma novidade para quem tenha alguma experiência política. Mas era isso precisamente que não tínhamos. Supúnhamos – ou melhor, eu supunha – que a coragem individual era o bastante. Como era possível que fosse tão ingênuo? Mas não tenho o

direito de criticar o jovem que então era – embora intelectualmente já tenha mandado meu voluntarismo pro lixo, nas horas de transe volto a me comportar como se a coragem individual fosse suficiente para dominar situações adversas.

Antes de continuar esse breve relato rememorativo, gostaria de chamar a atenção para o que, havendo sido publicado naqueles cinco números, ultrapassou os 47 anos e permanece uma leitura digna, se não mesmo de qualidade. Destaco, no número de abertura, o poema “Teoria do ócio”, de Sebastião Uchoa Leite, ali editado pela primeira vez e, no número 2, o ensaio “A Serpente e a lira” de Orlando da Costa Ferreira. Com esse título valeryano, Orlando introduzia uma reflexão sobre a menos metafórica das letras, a letra como unidade mínima da tipografia, objeto de devoção de toda sua vida. No mesmo número 2, ainda ressalta o “Poésie et société” de um suíço, Pierre Furter, que esteve no Recife, depois por todo o país, durante alguns anos. Lamentavelmente, os erros gráficos foram tantos que certas frases, para serem bem compreendidas, teriam de ser restauradas. Destaco por fim a seção de “resenhas”, introduzida a partir do número 4 (abril – junho, 1963). Já não sei por que a seção se chamava de resenhas, pois recordo que a intenção, desde seu início, era fazer daquele espaço uma panorâmica do que de importante

sucedera e não só se publicava, entre o número anterior e o presente. Aproveito a referência para retomar o andamento rememorativo. Foi por conta dessa seção que a revista não esperou pela chegada do golpe, sendo seu secretário demitido e sua publicação provisoriamente suspensa entre novembro e dezembro de 1963. (Como o número 5 cobria o trimestre de julho a setembro, haver a confusão estourado entre novembro e dezembro parece mostrar que sua publicação saíra com uns dois meses de atraso, pois o acidente que a seguir relato sucedeu poucos dias depois de a revista estar em circulação). A razão do acidente não foi outra senão a imprudência de quem aqui escreve. Relato-o sinteticamente.

Para quem conheça os artigos que Gilberto Freire publicava, alguns meses antes do golpe, no *Diário de Pernambuco*, não estranhará que eles tenham decididamente contribuído para que o Recife letrado se dividisse entre os partidários do sociólogo de Apipucos e os “comunistas” do SEC. Mesmo pessoas que eram amigas de Paulo Freire e vieram a apoiá-lo quando começou a ser perseguido pelos golpistas vitoriosos, então ainda se pronunciavam a favor de Gilberto Freire. Pois bem, diante de um artigo seu em que acusava os “comunistas” infiltrados nos jornais de escolherem fotografias em que ele aparecia “feito”, depois de transcrever a

passagem capital, eu fazia uma brincadeira que reconheço de extrema maldade. Se ainda se tratasse de um astro do cinema, era o que mais ou menos dizia, ainda se explicava a manifestação de narcisismo etc etc. Até parece que era eu próprio que procurava um estopim. A verdade é que em poucos dias a batalha estava iniciada. Por maior que fosse o apoio que sempre recebera da Reitoria, terá sido dela que veio a ordem de o número 5 ser recolhido, a página que continha o comentário expurgada e eu convocado para comparecer a uma reunião de emergência. (Foram muito poucos os números inteiros que escaparam da censura. A própria cópia da coleção dos cinco números que Dimas Veras teve a gentileza de me enviar não contém a folha censurada). Das pessoas que participaram da reunião, lembro-me apenas do próprio Reitor, de Rui Antunes e da professora de filosofia Maria do Carmo Miranda. Lembro-me de meu ex-mestre de Direito Penal, mesmo porque só nele encontrei apoio. Em troca, a professora Maria do Carmo mostrava toda sua indignação de conservadora “enragée” contra o desrespeito ao mais ilustre intelectual da terra. Diga-se de passagem: minha desastrada manifestação de coragem (de coragem ou simples bravata?) não teria tido a consequência que teve se eu tivesse ouvido a recomendação sensata de Sebastião: “olha bem, Luiz, isso vai dar confusão”. Mas não o

ouvi. Por maior que fosse o empenho de Rui Antunes e, posso imaginar, a simpatia do Reitor, minha demissão era inevitável.

Quando, na noite de 31 de março de 1964, iniciou-se o golpe e, no dia seguinte, já estava vitorioso, eu conhecia um prelúdio do que iria me suceder. Na verdade, a primeira dose golpista se resumiu a afastar-me da revista. Durante três meses ainda, pude frequentar o SEC e continuar a colaborar com a formação dos que seriam professores no programa de alfabetização nacional. Tenho retrospectivamente ao menos a satisfação de saber que a formação que dávamos a eles nada tinha de semelhante com a mediocrização horizontal hoje oferecida pelo chamado ensino à distância. Muito menos, ao contrário do que se murmurava na cidade, não se tratava de doutrinar ninguém. Como doutrinar se nenhum de nós era membro do P.C., nem tínhamos qualquer simpatia pelo stalinismo?! Mas o fato é que, entre novembro e dezembro de 1963, estava encerrada a tentativa de fazer da revista da Universidade um instrumento paralelo à sua Rádio visando à melhoria do universo intelectual do recifense e das cidades vizinhas, ao qual se acrescentasse uma dimensão efetivamente crítica. Digo por fim: não me arrependo absolutamente do que fiz e aqui relatei. Apenas, se tivesse a oportunidade de repetir alguma coisa do feito, o faria entre suspeito e desconfiado.

É pena, mas, na verdade, com a vida não aprendemos senão a guardar um terreno maior para a defesa.

Agradeço a Dimas Veras e aos que o autorizaram a fazer-me este convite. Ainda sentir-se embargado pela recordação de acontecimentos tão remotos, prova que, independente de nossa vontade, permanecemos presos à terra distante.

Rio de Janeiro, outubro, 2009